

# NEOPROFESSOR: UM SUJEITO COM O MINDSET NEOLIBERAL

Maura Jeisper Fernandes Vieira<sup>1</sup>  
Lira Saldanha Brites<sup>2</sup>  
Rosane Machado Rollo<sup>3</sup>  
Cristianne Maria Famer Rocha<sup>4</sup>

**Resumo:** O trabalho docente caminha a passos largos para o processo de plataformação, principalmente pelo assujeitamento no neoliberalismo como racionalidade. Neste contexto, este artigo é proveniente de um estudo de natureza exploratória, de abordagem qualitativa, está inserido na vertente pós-estruturalista com inspiração nas teorizações de Michel Foucault e tem por objetivo analisar os modos de produção de *neoprofessores* dentro de uma plataforma digital (online) de contratação direta de professores: a *Superprof*. Para isso, foram selecionados 39 anúncios de professores, disponíveis na plataforma *Superprof* e, a partir da seleção do *corpus*, emergiram categorias de análise que consideramos como constituidoras do *neoprofessor*.

**Palavras-chave:** Trabalho Docente; Neoliberalismo; *Neoprofessor*.

*Neo Teacher: a subject with the neoliberal mindset*

**Abstract:** The teaching work is moving at a fast pace towards the process of platformization, mainly by subjection in neoliberalism as rationality. In this context, this article comes from an exploratory study, with a qualitative approach, is inserted in the post-structuralist strand with inspiration in the theorizations of Michel Foucault and aims

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: [maurajeisper@gmail.com](mailto:maurajeisper@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7590-9903>.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: [liarabrites@yahoo.com.br](mailto:liarabrites@yahoo.com.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3474-0333>.

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: [rosanerollo@gmail.com](mailto:rosanerollo@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9181-4672>.

<sup>4</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: [cristianne.rocha@ufrgs.br](mailto:cristianne.rocha@ufrgs.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3281-2911>.

to analyze the modes of production of *Neo Teachers* within a digital (online) platform for direct hiring of teachers: Superprof. For this, 39 teacher ads were selected, available on the Superprof platform and, from the selection of the corpus, categories of analysis emerged that we consider as constituting the *Neo Teacher*.

**Keywords:** Teaching Work; Neoliberalism; Neo Teacher.

## PLATAFORMIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

*Mindset* nada mais é do que aquela sua voz mental, a "voz da consciência", que te diz o que fazer e o que não fazer em todas as tarefas da sua vida, seja pessoal ou profissional. (RICO, 2019, grifo no original)

As plataformas digitais se proliferaram e tomaram grandes proporções, adentrando nas nossas vidas e mediando nosso cotidiano. Mesmo que você não seja usuário de alguma dessas plataformas, certamente já ouviu falar de alguma delas. Atualmente, além do já consolidado uso de redes sociais – 130 milhões de brasileiros estão no *Facebook* e 69 milhões no *Instagram* (LOPEZ, 2019) –, serviços de solicitação de carros, de comidas, de compras e plataformas de serviços em geral são sempre mais utilizadas, inclusive aquelas de contratação de professores, que é o objeto deste artigo.

Ainda que o trabalho docente não esteja completamente imerso no processo de plataformação, é possível observar que já existem movimentos crescentes e que tendem a aumentar. Se pensarmos a partir dos estudos de Tom Slee (2017), o setor de serviços é o nicho de mercado que é mais velozmente absorvido pelas empresas inseridas no contexto do neoliberalismo tecnológico digital. Assim, será inevitável não imaginar que o setor da educação caminhe, a passos largos para este processo, visto que a educação vem sendo tratada como um serviço.

A Educação que deu seus primeiros passos rumo à tecnologiação digital, no final da década de 1990 e início de 2000,

mediada por computadores e com os primeiros acessos à internet, agora parece estar imersa na tecnologia digital, já considerada na sua versão 4.0. As alterações tecnológicas, amplamente utilizadas nas atividades de ensino, certamente transbordam para o trabalho docente não apenas em relação ao fazer docente e suas práticas pedagógicas, mas também às formas de contratação, às horas trabalhadas, à qualificação profissional, entre outros temas que envolvem as relações de trabalho. E, nesse sentido, interessa-nos dar visibilidade a esses transbordamentos e suas possíveis implicações.

Conforme reportagem do jornal *Extra Classe*, a “contratação de professores por aplicativos já é uma realidade (...) [pois existem] plataformas de cadastramento de docentes para servir ao processo contínuo de substituições tanto na educação básica quanto na superior” (FRAGA, 2020, p. 1, grifos nossos). A reportagem ainda informa que o aplicativo é um sistema similar ao *Uber* e aceita o cadastro de perfis docentes para atuarem na rede pública e privada de ensino. A empresa que faz a gestão da plataforma apresenta-se como uma *startup* educacional.

Nesses últimos anos, as consideradas *Big Techs* se fortaleceram e ampliaram seus negócios na direção da expansão acelerada da internet e dos avanços tecnológicos. Essas grandes empresas de tecnologia, consideradas plataformas digitais, na sua maioria, são intermediadoras de negócios, conectando, em uma mesma plataforma, prestadores de serviço e clientes por uma gestão algorítmica própria (GROHMANN, 2020). As *Big Techs* são empresas desenvolvidas para operarem no mundo digital, com o uso intensivo de dados. Quase todas estão situadas na América do Norte (como *Amazon*, *Microsoft*, *Apple*, *Meta* do *Facebook* e *Alphabet* do *Google*), mas estão em processo crescente na China (MOROZOV, 2018). Conforme Silva (2020b, p.1), “trata-se de um modelo de negócios baseado na intermediação massiva de produtos e serviços”. Essas plataformas digitais, por consequência, têm gerado novas formas de trabalhos

denominadas *plataformizadas* (ou trabalho de plataforma), que têm seus específicos processos de controle (GROHMANN, 2020).

Para Niels Van Doorn (2017), o trabalho de plataforma é toda atividade mediada e controlada por plataformas digitais. Rafael Grohmann (2020) classifica o trabalho de plataforma em três grandes nichos: o primeiro é das plataformas digitais que solicitam localização específica do trabalhador, como *Ifood*, *Rappi* e *Uber*; o segundo é marcado pelo trabalho de treinamento de dados para o desenvolvimento de inteligência artificial, como a *Amazon Mechanical Turk*; e, por fim, as plataformas *freelance* - como a *TaskRabbit* - que reúnem tarefas de prestação de serviço das mais variadas possíveis, como pintura, passeio com animais e até mesmo programação (GROHMANN, 2020).

As estratégias de captação/contratação flexível do docente como trabalhador plataformizado também podem ser vistas na Superprof que, segundo seu site oficial (<https://www.superprof.com.br/>), é uma “plataforma de aulas particulares no Brasil com milhares de professores e aluno(as)” (SUPERPROF, 2021). A plataforma é global e, segundo o site oficial, está presente em 42 países e conta com mais de 23 milhões de professores cadastrados. No site brasileiro da plataforma, os serviços educacionais oferecidos estão divididos em cinco grandes categorias: reforço escolar, idiomas, música, esportes e artes e lazer. O slogan da empresa incentiva os alunos a encontrarem um “professor perfeito”.

Este artigo decorre da pesquisa de Mestrado da pesquisadora principal e tem por objetivo analisar os modos de produção de *neoprofessores* dentro de uma plataforma digital (online) de contratação direta de professores: a *Superprof*.

## NEOLIBERALISMO E PRECARIZAÇÃO

Vivemos sob a égide do neoliberalismo, desde os anos 1970 e, mais fortemente, dos anos 1990 em diante. Segundo Wendy Brown

(2019), o neoliberalismo é um conjunto de diretrizes que promovem a transferência da propriedade e dos serviços públicos para o setor privado, diminuem significativamente o papel do Estado na esfera social, restringem a liberdade dos trabalhadores, flexibilizam as regulamentações do capital e estabelecem um ambiente fiscal e tarifário favorável aos investidores internacionais. Pierre Dardot e Christian Laval (2016) entendem o neoliberalismo como “um conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência” (p. 17), “um sistema de normas que hoje estão profundamente inscritas nas práticas governamentais, nas políticas institucionais, nos estilos gerenciais” (p.30) e “o desenvolvimento da lógica de mercado como lógica normativa generalizada, desde o Estado até o mais íntimo da subjetividade” (p. 34).

O neoliberalismo, ao instituir práticas e regras no âmbito econômico, provocou também uma mudança nas formas de viver e organizar a sociedade ou, mais precisamente, na forma como pensamos, nos relacionamos e produzimos. Entendido como uma racionalidade, foi detalhado por Michel Foucault, nos cursos *Segurança, Território, População* (FOUCAULT, 2009) e *Nascimento da Biopolítica* (FOUCAULT, 2008). Na esteira desse pensamento, Dardot e Laval (2016) fortalecem a ideia de que as relações econômicas, políticas, sociais e culturais vem produzindo uma “racionalidade neoliberal”, que define a norma em que vivemos no contemporâneo. Essa regra estabelece, para todos nós, a obrigação de existir em um ambiente de competição abrangente; convoca os trabalhadores e as comunidades a se envolverem em confronto econômico uns contra os outros; direciona as interações sociais, de acordo com o modelo de comércio; requer a justificação das disparidades cada vez mais intensas; e, altera até mesmo o indivíduo que é encorajado a conceber-se e agir como uma organização (DARDOT & LAVAL, 2016)

Essa produção do sujeito neoliberal (ou *neossujeito*), competitivo e empresário de si, não é realizada pelo adestramento dos corpos, como era feito antes com o homem produtivo da sociedade industrial, mas por uma gestão das mentes, por um processo de subjetivação (DARDOT & LAVAL, 2016). Nessa racionalidade, o foco é a competição desenfreada e o excesso de atividades. Assim, a produção desse *neossujeito* se fundamenta na competição: um sujeito que compete, inclusive, com ele mesmo. A busca ascética ocorre por inúmeras técnicas de subjetivação, como buscas por gurus, *coachings* e/ou treinamentos de programação neurolinguística, tudo em prol de um melhor desempenho, da melhoria do seu eu ou em busca de sua melhor versão. Esses modos de subjetivação são perfeitamente encontrados nas instituições e empresas que, em nome do sucesso profissional, buscam transformar e incentivar todos e todas a serem um *manager* (sábios/mestres na arte empresarial). Se antes tínhamos alguma possibilidade de viver fora dessa racionalidade, agora nossas vidas pessoais e profissionais são engendradas de tal forma que não exista mais uma separação: o sujeito de sucesso é aquele que tem sucesso econômico-profissional.

A “vida lucrativa” se transformou na única vida possível. Parece não haver outros modos de viver fora dessa lógica e toda a nossa existência está sendo capturada e convertida em algo que seja rentável (MOROZOV, 2018). Trabalho e realização pessoal parecem se fundir, não sendo possível distinguir entre tempo de lazer e de trabalho, pois todo o tempo deve ser dedicado a se ganhar dinheiro (BERNARDI, 2020). O ócio passa a ser visto de modo pejorativo, pois é preciso estar produzindo e inserido em uma lógica “24/7” – 24 horas por dia, sete dias na semana –, inclusive tornando os momentos de sono e/ou descanso do trabalhador como momentos produtivos. Nessa lógica, o trabalho contínuo não necessita de descanso ou de pausas. No contexto profissional, faz parecer aceitável - e até comum ou desejável - a concepção do trabalhador que trabalha sem interrupções ou restrições (CRARY, 2016).

Algumas são as formas de precarização que surgem no cenário neoliberal. Para além da lógica produtivista desenfreada e do empresariamento de si, é possível notar que a precarização não se limita apenas à falta de emprego estável e à diminuição dos rendimentos, mas também resulta da fragmentação e dispersão das relações laborais, da ruptura do elo entre o trabalhador e o local. Afinal, o trabalhador intelectual não necessita estar vinculado a um espaço específico; sua atividade pode ser dispersa ao longo de uma área virtual, sem restrições físicas (BERARDI, 2020).

No Brasil, a precarização se aprofunda, uma vez que o empreendedor que trabalha, mediado pelos aplicativos ou plataformas, não é mais um empregado assegurado pela *Consolidação das Leis do Trabalho* (CLT). Logo, não tem mais salário fixo, benefícios e seguridade social. Agora, ele é convencido, pelos discursos vigentes, de que é um empreendedor e precisa fazer a autogestão do seu tempo de trabalho e prover os recursos necessários para o desenvolvimento das suas atividades. E, como modo de precarização, além das consequências desse processo de transformação do sujeito trabalhador em empresário de si, é possível constatar uma diminuição dos seus ganhos e um aumento das jornadas de trabalho (ANTUNES, 2015).

O *homo economicus* neoliberal (FOUCAULT, 2008) é o responsável por prover sua renda. Não mais regulado por alguma instituição e gozando de direitos conquistados, agora o empresário de si se cadastra em plataformas que conectam clientes e prestador de serviço para atuar por conta própria, seja dirigindo carros, fazendo entregas ou ministrando aulas. A racionalidade neoliberal assujeita o *homo economicus* a atuar na lógica da concorrência, como empresário de si, e o neoliberalismo opera como um grande investidor na produção da precarização do trabalho.

As melhorias adquiridas, através de muitas lutas sociais e da implementação de leis garantidoras de direitos, não impediram que

as transformações sociais/econômicas, com a expansão do capitalismo em sua fase neoliberal, atravessassem a educação e o trabalho docente. O neoliberalismo instituído como racionalidade permeia a escola e vê nela a possibilidade de perpetuar seus preceitos. As mudanças na educação nos últimos trinta anos estão afinadas com a (ou a serviço da) racionalidade neoliberal. A exploração do trabalho aumentou e as desigualdades se acentuaram, fazendo com que as relações e as condições de trabalho caminhassem, cada vez mais, em direção à precarização (STOCKMANN, 2018).

## PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa, de natureza exploratória e de abordagem qualitativa, está inserida na vertente pós-estruturalista, com inspiração nas teorizações de Michel Foucault.

Os materiais foram selecionados a partir da escolha de uma cidade no buscador da plataforma *Superprof*. Não foram inseridos filtros por disciplinas e/ou conteúdos a serem estudados. Cabe ressaltar que os anúncios são acessíveis a qualquer pessoa que se cadastrar na plataforma, no entanto, a fim de diminuir a possibilidade de identificação de professores, não serão publicadas aqui informações como nome, profissão, formação e município/localização.

Foram encontrados 39 anúncios de professores disponíveis, em diferentes áreas do conhecimento e distintas formações. Todos foram selecionados e organizados em planilha do *Microsoft Excel* com dados de formação dos professores, aulas (disciplina, idioma, preço), avaliações postadas pelos usuários da plataforma, além dos textos dos anúncios. As informações que os professores acrescentam no *Superprof*, em especial em dois campos (“mais informações” e “descrição das aulas”), foram priorizadas neste estudo.

Após a seleção dos anúncios, foram elaboradas as unidades analíticas. A partir da seleção do *corpus*, emergiram categorias de

análise que consideramos como constituidoras do *neoprofessor*, são elas: a) a competitividade consigo mesmo, o ordenamento ranqueado e a busca pela superação contínua; b) a meritocracia; e, c) a adaptação e a performatividade, buscando a máxima individualização dos alunos pela personalização das aulas. As categorias foram fundamentadas a partir do livro *A nova razão do mundo*, dos autores Pierre Dardot e Christian Laval (2016), em especial do capítulo, cujo título serviu de inspiração para a criação do *neoprofessor*, qual seja: *A fábrica do sujeito neoliberal*. A intenção foi mostrar como a racionalidade neoliberal subjetiva os docentes, fazendo com que eles atuem na lógica do empresariamento de si.

### **A PRODUÇÃO DE NEOPROFESSORES**

O livre comércio, para os neoliberais, produz uma proteção ao consumidor das possíveis explorações. Contudo, os que defendem essa lógica de mercado, que tem se mostrado cada vez mais perversa, parecem ignorar as demais explorações possíveis dentro do processo concorrencial. A partir de então, diversas técnicas contribuem para a fabricação desse novo sujeito unitário, que chamaremos indiferentemente de *neossujeito* (DARDOT; LAVAL, 2016). Esse *neossujeito*, na educação, vai se transformar no que denominamos de *neoprofessor* que tem um *mindset* (configuração mental) neoliberal e opera esses dispositivos nos processos educacionais. Consideramos que a *Superprof* é uma vitrine virtual de docentes que concorrem entre si, para atrair a atenção de alunos.

### **A COMPETITIVIDADE, O ORDENAMENTO RANQUEADO E A BUSCA PELA SUPERAÇÃO CONTÍNUA**

No *Superprof*, os professores, empresários de si, colocam à venda seu capital humano e ficam disponíveis, aguardando que os clientes em potencial escolham o seu perfil, entre os milhares existentes na plataforma. Para se sobressaírem, buscam estratégias para “chamar a atenção” e a plataforma oportuniza um espaço para a

produção de textos descritivos, onde o docente pode dispor as informações que julga relevantes, uma vez que as demais informações no cadastro são padronizadas.

O potencial humano deve ser compreendido, em primeiro lugar, como um conjunto de habilidades que as pessoas possuem e que geram resultados e, em segundo lugar, como um conjunto de conhecimentos que elas adquirem para se ajustar às condições do mercado e atualizar seu conjunto de serviços e a própria organização (LÓPEZ-RUIZ, 2007).

Ao entender a lógica de funcionamento da plataforma, o docente precisa se apresentar e expor seu capital humano, para que se mostre competitivo em relação aos demais concorrentes. Para demonstrar como os docentes se descrevem, selecionamos alguns excertos que indicam o uso de estratégias competitivas para destacar seus anúncios:

**Sou estudante de Biomedicina em uma das melhores universidades federais do país, Universidade Federal de Ciências da Saúde, estou no segundo ano. Tenho uma vasta experiência em pré-vestibular, fui aprovado em primeira chamada em 4 vestibulares de Medicina de universidades particulares e entrei na biomedicina noturno da UFCSPA em 3º Lugar do acesso universal, com média 738,62 no ENEM.**  
**Cursei com êxito disciplinas como química geral e físico-química (nota 9,3), citologia, neuroanatomia, biossegurança, histologia, embriologia (todas com notas acima de 8,5).**  
Fui professora voluntária em um curso pré-vestibular popular, para pessoas carentes, na cidade de São Leopoldo/RS, com alunos aprovados nas universidades federais nos cursos de psicologia, letras, biologia entre outros. (SUPERPROF, 2022, grifos nossos)

O princípio da competição é o ranqueamento: evidenciar as credenciais em uma escala numerável gera credibilidade, pois o saber estatístico ou a utilização constante de números – que procuram fortalecer os argumentos utilizados na defesa de algumas “verdades” – se constituem naquilo que Santos (2002) chama de *episteme da quantificação*: “os números são, de forma geral, um modo

de governar. [...] embora não sejam pessoas (indivíduos), podem dizer muito delas; não só as produzindo, como também as regulando nessa produção” (p.38). Para Foucault (2011), a utilização da estatística se fortaleceu com a apropriação do Estado por esse saber, sendo utilizado como forma de governo de uma população e tomado como forma de verdade.

Nesse sentido, a estratégia utilizada pelo docente anunciante, conforme o excerto acima, é mostrar que ocupou os primeiros lugares das listas em concursos vestibulares e essa determinada posição hierárquica legítima um potencial - ou uma competência - que esse sujeito está tentando demonstrar em relação aos seus possíveis concorrentes. Ter uma média muito elevada em processos seletivos de instituições consideradas importantes no país é o que parece gerar destaque no anúncio, entre os demais concorrentes. Logo, sem o uso da estatística, das médias gerais, dos números e dos ranqueamentos, não teríamos competição. A competição acontece em detrimento ao outro competidor, quando temos um mecanismo de comparação ou, até mesmo, em relação a si mesmo, quando pensamos na lógica da superação. Nesse caso, superar a si mesmo tem sido uma prática muito incentivada pelo neoliberalismo, como podemos ver a seguir:

Me chamo Roberto Gabriel, formado em Física pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). **Durante minha graduação, fui normalmente destaque e me formei com a segunda maior nota da minha turma de formandos.** Durante o período da faculdade eu ajudei diversos colegas nas mais variadas disciplinas, assim como durante o cursinho pré-vestibular que fiz em 2016. (SUPERPROF, 2022, grifos nossos)

O excerto acima evidencia um processo de superação, pois sinaliza que o docente se destacou durante toda a graduação e se graduou com a segunda maior nota da turma. Dentro da racionalidade neoliberal, não basta estar em uma condição considerada favorável, é preciso sempre mais, é preciso se manter entre os primeiros e, se possível, ser o primeiro lugar e,

principalmente, nunca retroceder, pois é necessário sempre se superar. Muitas são as frases que circulam nas discursividades contemporâneas com uma finalidade motivacional. Uma delas é “foguetes não tem ré. O negócio é sair da sua zona de conforto e ir adiante! Não dá para ficar na mesma, tem que progredir. Sonhar é legal, mas realizar é sensacional!” (RUIZ, 2022, p.1). Frases como essa são utilizadas como jargões, a fim de instigar os sujeitos a estarem em constante movimento, a transformarem o trabalho em realização pessoal, pois o que importa é ser bem-sucedido, tornar a vida um sucesso (DARDOT; LAVAL, 2016).

O movimento de superação está diretamente articulado com uma proposta de competição “consigo mesmo”, que leva ao que Dardot e Laval (2016) denominaram de dispositivo de desempenho, onde o sujeito é um eterno aprendiz e está em processo de melhoria permanente. O campo educacional é estrategicamente utilizado para o fortalecimento dessa crença, pois promete “formação para a vida toda” ou, como o meio corporativo neoliberal gosta, em inglês, *lifelong learning*, no qual o sujeito neoliberal utiliza de processos de aprimoramento contínuos para torna-se sempre mais e melhor. A estratégia de superação busca elevar os próprios índices de desenvolvimento pessoal, sempre com a finalidade do fortalecimento do “eu” ou da “melhor versão de si”, pois não se trata de competir com os outros, em uma empresa, já que você é sua própria empresa, o empreendedor de si mesmo.

Cabe salientar que esse sujeito neoliberal empresário de si “deve cuidar constantemente para ser o mais eficaz possível, mostrar-se inteiramente envolvido no trabalho, aperfeiçoar-se por uma aprendizagem contínua, aceitar a grande flexibilidade exigida pelas mudanças incessantes impostas pelo mercado” (DARDOT; LAVAL, 2016, p.330). Nesta conjuntura, a racionalidade neoliberal estimula o sujeito empreendedor de si mesmo a utilizar técnicas para se fortalecer e conseguir sobreviver no ambiente de competição contínua, com os outros e consigo mesmo. Outra questão importante

é que nenhum movimento se faz por coerção aos indivíduos. Pelo contrário: todo o estímulo acontece a partir de uma gestão das mentes, utilizando uma “estratégia sem estratégias”, que podem perpassar programas de mentorias, *coachs* e a programação neurolinguística. Esta, utilizada por alguns *influencers* digitais, busca a forma mais assertiva de se comunicar com os outros e ter resultados a partir da força de persuasão, com técnicas como a de sincronia com o outro, buscando entender o melhor funcionamento dos sujeitos e a melhor forma de influenciar e conduzir os liderados (DARDOT; LAVAL, 2016).

## A MERITOCRACIA

Outro conceito também importante para o *neoprofessor* é o de meritocracia, que associa esforço e dedicação pessoal aos logros alcançados, independente das histórias de vida (e familiares) ou dos contextos socioeconômicos onde nasceram, cresceram e se desenvolveram.

Os excertos abaixo informam as universidades em que os docentes frequentam ou frequentaram, pois estudar em uma renomada instituição de ensino pode ser uma potente estratégia de marketing na *Superporf* e mais um trunfo na lógica concorrencial. Estudar em uma faculdade ou universidade conceituada, principalmente pública, dá ao docente um *status* que é utilizado como estratégia de destaque dos anúncios. Porém, é importante indicar que o local de formação só aparece naqueles anúncios em que as instituições são grandes e reconhecidas positivamente dentro do contexto acadêmico:

Me chamo Roberto Gabriel, formado em Física pela **Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)**. (SUPERPROF, 2022, grifos nossos)

Graduada em Pedagogia pela **Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS**. (SUPERPROF, 2022, grifos nossos)

Sou Tecnóloga em Alimentos pela UFCSPA (2017) e mestre em Ciência e Tecnologia de Alimentos (UFRGS, 2020). (SUPERPROF, 2022, grifos nossos)

Eu sou o (...), tenho 21 anos, sou técnico em eletrotécnica e atualmente sou graduando do sexto semestre do curso de Engenharia Química na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. (SUPERPROF, 2022, grifos nossos)

Para Michael Sandel (2022), comparada com sistemas de atribuição de recompensas e papéis sociais, a meritocracia parece uma alternativa libertadora. Contudo, a meritocracia também tem um lado sombrio. Ela cria hierarquias que decorrem da maneira como definimos os valores em uma sociedade voltada para o mercado, gerando arrogância entre os vencedores e humilhação e desmoralização entre os retardatários. Cabe pontuar que, para o autor, existe uma diferença entre mérito e meritocracia. O primeiro pode ser entendido como a qualificação e a capacitação para a realização de uma determinada tarefa, uma alternativa frente à situação de favoritismo ou nepotismo. Já a segunda consiste na distribuição de riquezas e consideração pública, com base no entendimento das pessoas sobre o que merecem ou deixam de merecer. A lógica meritocrática opera também na microfísica cotidiana, seja ao colocar no seu currículo o fato de ter estudado em uma universidade conceituada, seja por ter uma ótima colocação no concurso vestibular, seja em colecionar notas elevadas durante o percurso acadêmico, seja na hora de ser contratado por uma empresa e, assim por diante. As credenciais meritocráticas que colecionamos ao longo da vida têm reconhecimentos diferentes na sociedade. Umam valem mais e outras menos. “Em uma sociedade de meritocracia, isso significa que os vencedores devem acreditar que conquistaram o sucesso através do próprio talento e empenho” (SANDEL, 2020, p.22).

Ao abordarmos a temática do empenho, também volta ao debate a autorresponsabilização, que é outra estratégia de

assujeitamento neoliberal: ser capaz de fazer tudo com seus próprios esforços gera uma carga de responsabilidade muito grande, independente do resultado que tiver, pelo que realizar. Mesmo que os sujeitos se empenhem muito, quando se ganha, existe o peso da responsabilidade de estar no topo e de uma necessidade de se manter nesse patamar. Quando se perde, se carrega o peso do fracasso e a dificuldade de lidar com esse sentimento e suas implicações, como frustração, vergonha e sensação de incapacidade (SANDEL, 2020). Tais sentimentos, não sendo bem compreendidos e analisados, podem comprometer a saúde desses sujeitos, principalmente a mental, desencadeando doenças psíquicas e comorbidades que podem, na pior das hipóteses, levar à morte (HAN, 2015).

## A ADAPTAÇÃO E A PERFORMATIVIDADE, BUSCANDO A MÁXIMA INDIVIDUALIZAÇÃO DOS ALUNOS PELA PERSONALIZAÇÃO DAS AULAS

O *neoprofessor* busca se adaptar para responder ao processo de personalização demandado pelos alunos, seguindo um dos preceitos neoliberais que é o da máxima individualização. No caso da educação, tal preceito está presente na forma como esse docente atua, buscando atender os desejos mais específicos de seus alunos, seja em relação ao conteúdo ou à metodologia:

Minhas aulas são **personalizadas** dependendo do aluno em questão. (SUPERPROF, 2022, grifos nossos)

Minha metodologia de aula consiste em entender a necessidade do aluno, **adaptar** o conteúdo. (SUPERPROF, 2022, grifos nossos)

Minhas aulas são bem baseadas nas necessidades do aluno, tanto o material quanto as aulas são **personalizadas**. (SUPERPROF, 2022, grifos nossos)

Aula 100% focada na aprendizagem do aluno, **adaptando-se na melhor forma** em que o aluno aprende com mais facilidade. (SUPERPROF, 2022, grifos nossos)

O docente inscrito na *Superprof*, ao que parece, precisa constantemente estar em consonância com a cultura da performatividade que, segundo Santos (2004), gradualmente implanta, de maneira discreta nos docentes, uma postura ou conduta na qual assumem total responsabilidade por todas as questões relacionadas ao seu ofício, tornando-se, individualmente, engajados com o bem-estar das organizações.

O processo de adaptação docente para “performar” melhor para os alunos também flerta com a responsabilização incitada no neoliberalismo. Diante disso, muitas são as transformações contemporâneas na educação brasileira e no trabalho estadual e municipal, que introduzem conceitos adicionais na gramática formativa. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que teve sua versão finalizada em 2018, desempenha um papel crucial ao definir as habilidades essenciais que todos os estudantes brasileiros devem adquirir e seu conteúdo conceitual introduz uma variedade de novas abordagens pedagógicas. Projetos de vida, empoderamento juvenil e competências socioemocionais são apenas alguns exemplos dessas novas abordagens, que são incorporadas aos currículos do Ensino Médio no Brasil (SILVA; SCHERER, 2022).

A necessidade de individualizar o aluno pela personalização das aulas não é uma novidade das plataformas digitais, mas uma das formas de perpetuação do neoliberalismo pelo assujeitamento, também explícito na Educação. Trata-se de um projeto vigente na educação brasileira, para além do recorte dessa pesquisa, que se espraia por toda a educação básica e está explícito na recente BNCC. A individualização se intensifica com os novos arranjos pedagógicos, voltados ao Novo Ensino Médio, que enfatizam o desenvolvimento individual dos sujeitos - quase que - em detrimento da coletividade (SILVA; SCHERER, 2022).

A individualização do ensino opera na lógica neoliberal de responsabilização, onde o foco das aprendizagens é redimensionado

para o aluno e para o processo, ao enfatizar o uso de metodologias ativas e práticas particularizadas, em detrimento de aulas expositivo-dialogadas. Isso retira o docente do centro da aprendizagem. Contudo, parece que, cada vez mais, o papel do professor vem sendo diminuído dentro do processo educacional, inclusive, ganhando novos nomes, como mediador, facilitador, tutor, etc. Além disso, a performatividade se impõe de maneira cada vez maior, pois precisa atender as demandas de cada aluno em sua especificidade. O maior alerta sobre a individualização e a personalização no ensino não reside em determinar qual o papel dos envolvidos no processo, mas em como esse processo de ensino pode impactar no desenvolvimento dos sujeitos. O processo de aprendizagem se caracterizou, ao longo do último século, como algo relacional e complexo. E, nessa perspectiva, uma das finalidades da educação é – ou era – a socialização. Quando vislumbramos uma plataforma de aulas particulares que oferta personalização total aos alunos, pode até parecer compreensível, mas é notório que esse movimento transborda as intenções da plataforma e se faz visível na Educação como um todo. Nesse sentido, em relação ao trabalho docente, essa máxima individualização dos processos gera demanda de trabalho não remunerada.

Quanto aos prestadores de serviço que não são professores, fica difícil saber como organizam suas aulas e quais os conhecimentos têm sobre metodologia, didática e/ou adaptação de conteúdo. Para um docente com experiência em sala de aula e que se aprofundou nos estudos sobre metodologia e didática, entendemos que essa demanda de personalização do ensino já seja desafiadora. Ao pensar em estudantes de Ensino Médio que declaram não ser professores, mas que já ajudaram muito seus colegas enquanto estudantes e entendem poder ofertar seus serviços na *Superprof*, consideramos que deva ser bem mais difícil do que está sendo narrado nos anúncios online.

## CONCLUSÃO

Este artigo abordou a produção de *neoprofessores*, no contexto da contratação docente em plataformas digitais, sob o assujeitamento da racionalidade neoliberal que aprofunda a interseção entre a educação e as forças do mercado. Ao considerarmos as categorias de análise apresentadas - competitividade consigo mesmo, meritocracia e adaptação/performatividade - podemos perceber a forma como tais elementos operam como dispositivos de conformação das práticas pedagógicas.

A competitividade com os outros e consigo mesmo, fomentada pela lógica de ranqueamento e busca pela superação contínua, leva os *neoprofessores* a se submeterem a uma constante pressão e autoavaliação, visando atender aos padrões estabelecidos pelas plataformas e alcançar uma posição privilegiada, nesse ambiente altamente competitivo. Essa dinâmica exacerba a individualização e a responsabilização do professor, desconsiderando as dimensões coletivas e sociais da educação.

A noção de meritocracia, intrinsecamente ligada à lógica neoliberal, perpetua a ideia de que o sucesso individual é resultado exclusivo do mérito pessoal, desconsiderando fatores estruturais. Também estabelece estratificações resultantes da forma como determinamos os princípios, em uma sociedade orientada pelo mercado, promovendo soberba entre os bem-sucedidos e constrangimento e desvalorização entre os menos favorecidos. Essa abordagem está conectada com a superação, uma vez que os indivíduos que dedicaram esforços, uma vez alcançado o objetivo, há a imposição do ônus da responsabilidade em ocupar a posição de destaque e uma exigência de sustentar esse status.

Por fim, a personalização do ensino segue a lógica neoliberal de responsabilização, na qual o enfoque das aprendizagens é realinhado em direção ao estudante e ao processo, destacando o uso de

abordagens ativas e práticas individualizadas. Isso desloca o professor do centro da aprendizagem, característico da educação convencional. No entanto, é evidente que o papel do docente está sendo progressivamente reduzido no contexto educacional, inclusive adotando novas denominações, como mediador, facilitador, tutor, entre outras. Além disso, a busca pela performatividade se torna cada vez mais presente, uma vez que é necessário atender as demandas específicas de cada aluno.

Diante dessas análises, é fundamental questionar os efeitos dessas dinâmicas no trabalho docente, bem como na educação, e atentar para o fato que esse *neoprofessor* é fruto do assujeitamento neoliberal, sem o uso de estratégias coercitivas. Ao contrário, tudo acontece a partir de uma gestão das mentes, utilizando uma “estratégia sem estratégias”, para manter esse docente com um *mindset* neoliberal.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. A servidão involuntária. **Folha de São Paulo**, 6 jun. 2015. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/opiniaio/2015/06/1637855-ricardo-antunes-a-servidao-involuntaria.shtml>. Acesso em 12 out. 2022.
- BERARDI, Franco. **Capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem**. São Paulo, Ubu, 2020.
- BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente**. São Paulo: Politeia, 2019.
- CRARY, Jonathan. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ubu, 2016.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FOUCAULT, Michel. Verdade e Poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2011, p.1-14.

FRAGA, César. Contratação uberizada de professores por aplicativo já é realidade. **Extra Classe**. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/educacao/2020/01/contratacao-uberizada-de-professores-por-aplicativo-ja-e-realidade/>. Acesso em: 7 jan. 2020.

GROHMANN, Rafael. Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal. **Revista Eptic**, Aracaju, v. 22, n. 1, p. 106-122, jan./abr., 2020.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LOPEZ, Bianca. Brasil: Os números do relatório Digital in 2019. **PagBrasil**. Disponível em <https://www.pagbrasil.com/pt-br/insights/relatorio-digital-in-2019-brasil/>. Acesso em: 28 fev. 2019.

MOROZOV, Evgeny. **Big tech: A ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu, 2018.

RICO, Ana. Letícia. **Dicionário Startupês: Os significados dos principais termos do ecossistema empreendedor**. 1a. ed. São José dos Campos: [s.n.], 2019.

RUIZ, Jéssica. Foguete não tem ré. **Pensador**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MjEzMTM4Nw/>. Acesso em: 21 dez. 2022.

SANDEL, Michel J. A meritocracia tem um lado sombrio. **Instituto Humanitas Unisinos**. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/616401-a-meritocracia-tem-um-lado-sombrio-entrevista-com-michael-sandel>. Acesso em: 07 jan. 2022.

SANDEL, Michel. J **A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SANTOS, Lucíola Licíni. Formação de professores na cultura do desempenho. In. **Educação & Sociedade**. Campinas: CEDES, no 89, p.1145-1157, 2004.

SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos. **Biopolíticas de HIV/AIDS no Brasil: uma análise dos anúncios televisivos das campanhas oficiais de prevenção (1986-2000)**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Tese. (Doutorado em Educação).



Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

SILVA, Paulo Roberto. O que são plataformas digitais e como elas nos afetam? **Inovação Aberta**. Disponível em: <https://inovacao-aberta.com/o-que-sao-plataformas-digitais/>. Acesso em: 2 jun. 2020.

SILVA, Roberto Rafael Dias da; SCHERER, Renata Porcher. A emergência das escolhas individuais como um princípio curricular no Brasil: uma crítica à escola do neoliberalismo. **Revista Portuguesa de Investigação Educacional**, n. 23, p. 1-25, 21 set. 2022.

SLEE, Tom. **Uberização: a nova onda do trabalho precarizado**. São Paulo: Elefante, 2017.

STOCKMANN, Daniel. Breve história da profissionalização docente no Brasil. **Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade**, v. 5, n. 10, p. 105-123, 2018.

SUPERPROF. **Site oficial**. Disponível em <https://www.superprof.com.br/>. Vários acessos em 2021.

SUPERPROF. **Site oficial**. Disponível em <https://www.superprof.com.br/>. Vários acessos em 2022.

VAN DOORN, Niels. Platform labor: on the gendered and racialized exploitation of low- income service work in the 'on-demand' economy. **Information, Communication & Society**, v. 20, n. 6, p. 898-914, 2017.

*Recebido em 07 de junho de 2023.*

*Aprovado em 15 de julho de 2023.*